

A importância do sentido culturalmente construído na techedura do texto jornalístico

Klondy Lúcia de Oliveira Agra*

Índice

1	Introdução	2
2	O envolvimento do jornalista, a construção de sentidos, a língua e a cultura	3
3	O Texto Jornalístico, O Sentido Culturalmente Construído e As Conotações	6
4	A Importância do Contexto Cultural na Produção da Notícia	11
5	Referências	13

Resumo

Ao tecer o texto jornalístico, o autor tem a responsabilidade de colocar-se no lugar de seu leitor e, através de sentidos culturalmente construídos, atender a expectativa de uma gama muito diversa de interlocutores. O objetivo principal deste artigo é analisar os principais recursos que o autor utiliza à construção de sentidos na escritura de seus textos visando atender sua audiência e, assim, evitar controvérsias e mal-entendido. Desse modo, apresentamos neste estudo, a importância da leitura, do envolvimento

cultural, do sentido culturalmente construído, da especialização desses sentidos no contexto e no cenário, visando à coerência do texto e sua aceitabilidade multicultural.

Palavras-chave: Texto, Sentidos, Cultura.

Abstract

When the author weaves his/her journal text, he/she has the responsibility of placing himself / herself in place of his/her reader and, through senses culturally built, he/she must attend the expectation of a several gamma of readers. The main goal of this article is to analyze the main points to the construction of senses in the writing of texts to avoid controversies and misapprehension. Thus, we show in this study, the importance of the reading, of the cultural involvement, of the senses culturally built, of the context and of the scenario for the coherence of the text and for its multicultural acceptability.

Key-words: Text, Newspaper, Sense, Culture.

*Mestra em Linguística pela UNIR, pós-graduada *Lato Sensu* em Língua Portuguesa, com graduação em Pedagogia, na área de Administração Escolar, pela UFPA, Letras - Português pela UFPA, Letras - Inglês e suas Literaturas pela UNIR - Professora da UNIRON (klondy2@gmail.com).

1 Introdução

O autor de textos jornalísticos tem a responsabilidade de transmitir idéias, fatos e pontos de vista a leitores com um construto cultural muito diversificado. Como em qualquer processo de comunicação, há, portanto, a possibilidade de ruídos¹ que levam à não compreensão ou a compreensões diversas que podem alterar o sentido do que se pretende comunicar podendo gerar insatisfações e demandas judiciais.

Com o objetivo de analisar os principais recursos utilizados à construção de sentidos² e apontar caminhos à tecitura de textos claros e coerentes, procuramos neste artigo, através da pesquisa bibliográfica, esclarecer a importância do sentido culturalmente construído no processo da escrita e na coerência e aceitabilidade do texto por culturas diversas.

Durante muitos anos e muitas correntes lingüísticas, o texto foi visto desde uma frase complexa (Hartmann, 1988), até uma cadeia de pressuposições (Bellert, 1970), Com base nesses estudos, pesquisadores viram a necessidade de gramáticas textuais como as postuladas por Wenrich (1964, 1971, 1976), Petöfi (1973) e van Dijk (1972). Com a continui-

¹ Ruídos na comunicação são barreiras ou interferências que impedem a comunicação efetiva, ou seja, que a mensagem seja compreendida com o mesmo sentido que foi produzida.

² Ao falarmos de sentido culturalmente construído na produção de texto, utilizamos neste estudo a unidade do sentido (*Sinn*) de Frege (1978), explicitado no seu clássico ensaio “*Sobre o Sentido e a Referência*”. O sinal, segundo Frege, é o elemento que remete à significação, é mais que a palavra, mas inclui a palavra. A referência é a substância, se esta existir. O sentido é a idéia compartilhada como referente, isto é, uma concepção geral que permite o entendimento dos significados entre os falantes.

dade de pesquisas sobre o texto, contemporâneos de Dijk e Petöfi, também, se dedicaram à construção de gramáticas textuais, às quais, segundo Kock (2004:09), não faltava o componente semântico, representado, em geral, nas gramáticas por eles propostas, pelas macroestruturas profundas. Sobre esses estudos sob orientação semântica, Koch comenta: “(...) também outros estudiosos da época deram às suas pesquisas uma orientação semântica, como foi o caso de Dressler 1970 (1972), Breinker (1973), Rieser (1973, 1978) e Viehweger (1976, 1977), entre outros”.

A partir desses estudos sob orientação semântica, chega-se à construção do sentido e à coerência textual. Coerência que, segundo Kock (1997: 41), “diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos”.

Neste artigo, consideramos o texto jornalístico uma comunicação verbal recheada de sentidos que necessita de um construto cultural compartilhado (autor – leitor) para que seja compreendido com os mesmos sentidos que foi escrito e, assim, como em qualquer comunicação, evitar mal-entendidos. Desse modo, para dar conta desse estudo, recorremos à Agra (2004: 10) e observamos que a Lingüística³ é parte da Semiótica⁴ e que é

³ Concorda-se geralmente em reconhecer que o estatuto da lingüística como estudo científico da linguagem é assegurado pela publicação em 1916 do *Curso de Lingüística Geral* de Ferdinand Saussure. A partir dessa data todo estudo lingüístico será definido como surgido “antes” ou “depois” de Saussure. Cf. In: Dubois et. al, 1993: 389

⁴ A Lingüística, que faz parte da Semiótica, estuda a principal modalidade dos sistemas sígnicos, a das *línguas naturais*. Cf. In Lopes:1997:17.

com a compreensão da construção dos sentidos⁵ e com o estudo da Semântica, subdivisão da Lingüística que desenvolve seus estudos através da manifestação desses sentidos, que problemas extralingüísticos na construção de textos serão resolvidos. Ainda segundo Klondy Agra (2004), vemos que essa crença tem como base a concepção de que uma língua natural é um sistema de representação do mundo e de seus eventos e, para que ela possa dar conta disso, usa sinais cujos sentidos são especializados em um contexto, sendo que esse contexto só tem sentido especializado em um cenário que revela uma cultura.

Para explicitar esse entendimento sobre texto, recorreremos a autores diversos e discutiremos aqui o que nos leva a uma definição de texto jornalístico tão ampla e ao mesmo tempo tão particular, procurando esclarecer os principais recursos utilizados pelo jornalista à construção de sentidos na produção de seus textos.

2 O envolvimento do jornalista, a construção de sentidos, a língua e a cultura

Para compreendermos a construção do sentido, seja na tecedura de textos que envolvem contextos e cenários formados por pessoas e costumes de uma mesma cultura em particular, ou de contextos e cenários de culturas e línguas diversas, torna-se necessário, inicialmente, aclarar o que entendemos por língua

⁵ Utiliza-se nesta pesquisa a unidade de sentido (*Sinn*) de Frege (1892) e seus fundamentos. In: *On Sense and Meaning*. Cf. In Adams and Searle, 1985:623. Nesse artigo, Gottlob Frege, filósofo alemão, discute sobre o sentido e o referente (*Sinn - Bedeutung*).

e cultura e a relação entre uma e outra. Pois, sabemos que, na produção e na compreensão de textos os dois conceitos convivem lado a lado, mas tanto um quanto outro, conduzem a uma visão unilateral do todo, como afirma Witherspoon (1980:2) com clareza: “*Se observarmos a cultura do ponto de vista lingüístico, obtemos uma perspectiva unilateral da cultura; se observarmos a língua do ponto de vista cultural, obtemos uma visão unilateral da língua*”⁶. [Minha tradução]

Susan Bassnett (1991:14) reafirma este ponto de vista e esclarece:

A língua, então, é o coração dentro do corpo da cultura, e é da interação entre as duas que resulta a continuação da energia-vital⁷. [Minha tradução]

Consideramos, então, a língua e a cultura tal como Witherspoon (1997) as considera, ou seja, a língua como um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e entendidas, informações são decodificadas e classificadas e eventos são anunciados e interpretados e a cultura como o conjunto de ações: maneira de vestir-se, escolha de alimentos e modos de comê-los, todos os modos, hábitos, pensamentos e crenças, enfim, todas as maneiras de atuar que formam os costumes, o contexto, o cenário.

Dessa maneira, observamos que para a escritura de um texto que tenha como objetivo principal uma interpretação única, como é o

⁶ “*If we look at culture from a linguistic point of view, we get a one-sided view of culture. If we look at language from a cultural point of view, we get a one-sided view of language.*” (In: Witherspoon, 1980:2)

⁷ “*Language, then, is the heart within the body of culture, and it is the interaction between the two results in the continuation of life-energy.*” (In: Bassnett 1991:14)

caso do texto jornalístico, a língua e a cultura devem estar entrelaçadas formando um mesmo contexto. Com esse pensamento partimos em busca de aspectos interessantes que ajudem a explicar o processo de construção de sentidos para a tecedura do texto do jornalista e o porquê desse processo não ser uma atividade tão simples.

A partir de um exemplo elementar, podemos observar que o sentido culturalmente construído é o que leva a compreensão. Vejamos: Um pai, nascido e criado no nordeste brasileiro chama a filha de *assanhada*, sem constrangimento, pois para ele, tal sinal⁸ terá somente uma significação, ou seja, um só sentido. O sentido de *descabelada*, *despenteada*. Enquanto que, um pai nascido e criado no sul do Brasil constranger-se-ia em chamar uma filha de *assanhada* em público, pois sua audiência poderia compreender esse sinal com uma conotação pejorativa, tal como: *namoradeira*, *vulgar etc.*

A cultura aparece no processo de produção de texto, também, como um contexto que permite, face à plurissignificação e à conotação, selecionar alternativas interpretativas nos casos em que o contexto lingüístico nada pode fazer, especialmente ao nível das conotações e do efeito, onde constantemente se atualizam horizontes de expectativa ideológica, lógica e emocional.

Em ambos os casos, do ponto de vista

⁸ Opta-se neste artigo pela palavra sinal e não signo, tal opção é um recurso para evitar a confusão entre a concepção de signo lingüístico (SL), de Ferdinand de Saussure e o que será chamado aqui de sinal lingüísticamente constituído (SLC), de acordo com os fundamentos sobre a unidade de sentido do lógico Gottlob Frege, contemporâneo de Saussure. Cf. In: *A constituição do sentido e sua relação com os sinais*, Ferrarezi Jr: 2003c.

da prática da produção textual, concorda-se com Bassnett e Trividi (1999) quando referem-se à cultura. Segundo eles, a cultura manifesta-se sempre como espaço de interculturalidade e intersubjetividade, como espaço de busca do outro, da alteridade perdida ou recalçada.

Essa idéia também já vem de um tratado de Umberto Eco (1975:36) sobre semiótica, onde se entende “[...] *que a cultura, como um todo, é um fenômeno de significação e comunicação e que humanidade e sociedade só existem a partir do momento em que se estabelecem relações de significação e processos de comunicação*”. Quando se analisa processos sobre a construção de textos jornalísticos, vemos que essas relações e esses processos não se esgotam na língua, mas passam sempre por ela.

Quando se fala de cultura na tecedura de textos, está se falando de relações de significação e de comunicação que envolvem processos de produção e interpretação, e às vezes mais, como no caso das citações em língua terceira, dos empréstimos e dos estrangeirismos. Cada uma com as suas peculiaridades e hábitos diversificados, cada uma contemplando variantes pessoais, grupais ou regionais e, às vezes, nacionais (portuguesas, brasileiras etc.) ou continentais (européias, africanas etc.). Cada uma com inúmeros componentes da descrição lingüística a ter em conta (a gráfica, a fônica, a fonética, a prosódica, a morfológica, a sintática, a lexical, a semântica, a pragmática, a estilística, a textual) todas significantes. Cada componente potencialmente caracterizado pela plurissignificação ou pela extensão do significado⁹.

⁹ A maioria dos dicionários não apresenta a signi-

Concluimos então que o “produzir textos” não depende apenas de fatores lingüísticos, depende de fatores extralingüísticos, ou seja, de fatores culturais. Nota-se, desse modo, nas teorias revisadas a fim de dar conta deste estudo, que a noção de cultura aparece como lugar de intersubjetividade que permite atualizar cada vez com mais eficácia uma relação de equivalência interlingüal. Assim, enumeramos alguns itens que, de acordo com a teoria, a cultura deve manifestar-se no jornalista a fim de bem escrever os seus textos:

- (a) Como capacidade receptiva e de vigilância, no que diz respeito às relações de significação e processos de comunicação, no contexto e no cenário.
- (b) Como potencial de compreensão dessas relações e desses processos, através da capacidade de adaptação aos modelos dos outros pelo princípio da semelhança.
- (c) Como experiência direta ou indiretamente vivida (como indiretamente vivida entendemos um livro, um filme ou uma notícia que nos toca e que pode ter para a nossa consciência um efeito mais profundo que um drama pessoal).
- (d) Como intuição, que sabe, detecta, opera, sem racionalizar. Há ótimos autores e incapazes de verbalizar os seus processos.
- (e) Como informação adquirida que funciona como enciclopédia.
- (f) Como capacidade ativa de investigação, de fazer perguntas direcionadas e de seleccionar respostas.

ficação da palavra, mas dá uma descrição das propriedades do seu referente, o que se pode chamar com mais precisão de *extensão do significado*. Cf. Ferraz Júnior, 2003:69.

(g) Como capacidade de autocrítica, semelhante à do psiquiatra que não mais deixa de se psicanalisar. Muitas vezes, essa capacidade manifesta-se também como instância intersubjetiva de autocensura (os colegas, os críticos, os patrões, o seu leitor . . .).

Compreende-se, então, que essa “cultura” é a competência que se exige de todos os profissionais da intersubjetividade: autores, tradutores, professores, psiquiatras, psicólogos, médicos, juizes. . . De uma perspectiva prática, o exercício da cultura manifesta-se como busca de alteridade, como uma conscientização do subjetivo em busca do intersubjetivo.

Com esse entendimento, passamos a ler a cultura, no sentido restrito, como estratégia de desambiguação, com vista à construção dos sentidos, sua especialização e atualização do significado.

Retomando os exemplos tão simples como os dados acima, chega-se a teoria proposta por Bakhtin (1999) e sua assertiva de que uma língua é algo social e histórico, determinado por condições específicas de uma sociedade e de uma cultura e adota-se sua afirmativa de que a língua é o reflexo das relações estáveis dos falantes dentro dessa cultura que constitui o cenário.

Deste modo, a procura de entender e demonstrar a importância da construção de sentidos no trabalho de produção do texto, consideramos a teoria exposta por Bakhtin (1999:94) e sua certeza de que a língua só é compreendida se inserida num contexto e numa situação concreta. Observe:

Enquanto uma forma lingüística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para

ele nenhum valor lingüístico. A pura “sinalidade” não existe, mesmo nas primeiras fases da aquisição da linguagem. Até mesmo ali, a forma é orientada pelo contexto, já constitui um signo, embora o componente “sinalidade” e de identificação que lhe é correlata seja real. Assim, o elemento que torna a forma lingüística um signo não é sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica; da mesma forma que aquilo que constitui a descodificação da forma lingüística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo¹⁰.

Para Bakhtin, a língua é uma evolução ininterrupta, uma criação contínua e todo ato de compreensão é uma resposta, na medida em que esse ato introduz o objeto da compreensão num novo contexto, o contexto potencial da resposta. Assim, ao construir um texto, como em qualquer processo de comunicação, o autor necessita ter a concepção de que toda inscrição, como toda enunciação, é produzida para ser compreendida e, principalmente, conscientizar-se, em todos os passos de sua produção textual, que o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto, e que há tantas significações quantos contextos possíveis e que tais contextos não estão simplesmente justapostos, encontram-se em uma situação de conflito tenso e ininterrupto.

¹⁰ O imobilismo da língua como vem sendo estudada através da Lingüística e os fundamentos de Saussure.

Ademais, o autor do texto jornalístico ao pretender que o seu texto seja entendido com os mesmos sentidos com os quais foi construído, sem outras conotações, deve produzir seu objeto de trabalho com a visão de que a enunciação é um fato de natureza social e por isso envolve fatores culturais. Tendo sempre em mente que a questão da cultura é onipresente e influencia todas as decisões que tomamos e, dentro deste contexto, reconhecer que o estudo das teorias culturais é um recurso e um fundamento praticamente indispensável para todas as atividades, pois oferece paradigmas e conceitos que podem ser aplicados nas mais diversas circunstâncias.

3 O Texto Jornalístico, O Sentido Culturalmente Construído e As Conotações

Pelo que já relatamos, fica claro que a cultura tem papel relevante na construção do texto, no entanto, ainda devemos clarear um pouco mais sobre a construção do sentido, o contexto cultural e as diferentes significações assumidas pela palavra no contexto. Com este intuito, foi necessário retornar a lingüística e ao seu interesse pela construção do sentido e o significado. Vimos, então, que essa difícil questão acerca do significado que causa preocupação a lingüistas, outrora, já foi objeto de estudo da Filosofia e da Teologia. O que prevaleceu de tais estudos sobre a significação foi a associação do significado ao objeto do mundo ao qual a palavra se refere. Para a Lingüística, ou mais especificamente para a Semântica, que tem sido definida como a ciência que estuda o significado, o problema da significação da palavra vai além do seu

campo de estudo, pois envolve o sentido, que é subjetivo, cognitivo.

Observa-se, assim, que o significado do dicionário não é nada, são palavras desvinculadas do contexto. Volta-se, então, à construção do sentido, para com sua compreensão, dar conta da significação na tecedura de textos.

Esse interesse pela construção do sentido traz à Linguística a visão de que qualquer comparação de duas línguas implica um exame profundo dos fatores culturais. Com a certeza de que, na mensagem oral em uma língua natural conhecida pelos interlocutores, tais fatores culturais são também muito importantes, pois, no que tange à compreensão, esta só se dará se tais interlocutores forem possuidores de sentidos formadores do mesmo cenário cultural. Acredita-se, então, que é a partir do reconhecimento do ambiente cultural em que é escrito o texto que se dá a interpretação deste texto e, com o reconhecimento do ambiente cultural do interlocutor-alvo pelo tradutor, é que se dará a tradução.

No entanto, como vimos, ainda hoje, liga-se à significação como a encontramos no dicionário, a associação do significado ao objeto do mundo a que a palavra se refere ou a descrição das propriedades do seu referente, o que se pode chamar com mais precisão de *extensão do significado*. Para esclarecer sobre essa confusão que envolve a significação da palavra e seu referente, recorre-se a Frege (1978) e na busca de compreender-se o sentido culturalmente construído retoma-se a sua concepção de unidade de sentido, com base no clássico ensaio “*Sobre o Sentido e a Referência*”¹¹.

¹¹ Este ensaio foi escrito com problemas da lógica

Como observa Ferrarezi Jr. (2003), Frege utiliza uma grande quantidade de argumentos para sustentar logicamente a afirmação de que o significado não é o objeto a que uma palavra se refere e que é necessário diferenciar, ainda, o objeto real e a palavra daquilo que é compartilhado socialmente como sendo o significado desse sinal e daquilo que cada um entende particularmente como sendo sua significação. Frege (1978: 64) argumenta:

A referência e o sentido de um sinal devem ser distinguidos da representação associada a esse sinal. Se a referência de um sinal é o objeto sensorialmente perceptível, minha representação é uma imagem interna, imersa das lembranças de impressões sensíveis, passadas e das atividades internas e externas que realizei.

Para Frege, então, o sinal é o elemento que remete à significação. O sinal para Frege é mais do que a palavra, mas é inclusive a palavra. A referência é a substância – quando ela existe. O sentido é a idéia compartilhada como referente, isto é, uma concepção geral que permite o entendimento dos significados das frases entre os falantes. A representação é a concepção pessoal acerca do referente.

Para que o sinal possa atuar como elemento representativo deve estar associado a

em mente (isto é, a relação de "igualdade") e é uma amostra dos primeiros exemplos de análise filosófica a apontar que o problema invade a língua natural e que não é um problema restrito à matemática ou à lógica formal. Deste ponto de vista, Frege, como C. S. Peirce, antecipam a preocupação de filósofos e críticos com os problemas que envolvem a língua e o significado, particularmente onde problemas semânticos e epistemológicos sobrepõem-se mas exigem diferenciação. Cf. In: Adams and Searle, 1985:624.

um sentido. O sentido, construído culturalmente, é compartilhado pelos falantes de uma língua. Definido como uma idéia geral que os falantes de uma língua associam a um sinal qualquer a respeito de um objeto do mundo real ou de mundos possíveis, o sentido é o responsável pela possibilidade de comunicação entre usuários de uma língua. Assim, quando um locutor fala uma palavra qualquer ou utiliza-se de um gesto culturalmente definido, espera que seu interlocutor entenda o que se está falando.

Em se tratando da produção do texto jornalístico, atenta-se para o fato de que os falantes associam idéias muito próprias e peculiares a um dado sinal. Idéias que resultam de suas experiências pessoais e que são o fruto de sua existência pessoal. Então, para que palavras signifiquem uma idéia é necessário que haja correlato empírico objetivo na vivência do autor e leitor, levando em conta que pessoas de um mesmo grupo podem significar palavras diferentemente, pois ao ouvir ou ler uma palavra, o interlocutor puxa de seu inventário de vivências e do seu dicionário interno tudo que está ligado a essa palavra, ou à sensação mais forte que teve com referência a essa palavra. É o que Frege (1978) chama de representação: as idéias pessoais associadas aos sinais.

Assim, com fundamento na unidade de sentido de Frege, na construção do texto jornalístico é necessário levar em conta que as vivências de uma pessoa diferem, em grande parte, da de outra. Por isso, cabe ao autor aceitar uma palavra com o seu sentido comum à sociedade e transmitir a idéia que acompanha a expressão ou palavra, respeitando a cultura do seu leitor. Reconhece-se, portanto, com base em toda a teoria revisada, que um dos grandes problemas na

produção do texto jornalístico advém do sentido culturalmente construído, pois são estes sentidos que levam ao fenômeno da plurissignificação, isto é, a característica de uma mesma unidade (palavra ou expressão) poder ter mais que um significado, por vezes mesmo significados contraditórios ou antagônicos que somente serão esclarecidos através do contexto.

Imaginemos, então, que um jornalista ao produzir o seu texto, sem se importar com o contexto cultural e lingüístico, escreva uma manchete como esta: “*O Senador faz discurso arretado*”. A compreensão para pessoas de alguns lugares do Brasil só por sorte não sairia um disparate e isto porque a compreensão do sinal *arretado* leva a diferentes significações em diferentes contextos e cenários. Em alguns estados o termo *arretado* leva ao significado ótimo, bom, *porreta*, interessante etc. Em outros, entretanto, o sinal *arretado* leva a significação *estar sexualmente excitado*. Ademais, em outros, se pode compreender esse mesmo sinal por *estar tremendamente alegre* (rindo e brincando à toa). Com tudo isso, o público alvo dessa manchete terá, ainda, o problema da ambigüidade: quem estava arretado, o senador ou o discurso?

Com tal conhecimento, chega-se a três tipos de contextos de desambiguação:

1. O contexto lingüístico, isto é, outra palavra ou seqüência de palavras, uma frase, um texto que fazem a desambiguação.
2. O contexto situacional, isto é, a situação concreta da comunicação. Trata-se de um contexto extralingüístico que define o significado nos casos de plurissignificação.

significação em que o contexto lingüístico não ajuda. É o contexto situacional que nos diz se uma frase como “*Estou limpo*” significa “*Já me lavei*” (criança a sair do banho, para convencer o adulto), “*Continuo sem me drogar*” (toxicodependente numa reunião de anônimos), “*Não tenho ficha*” (resposta a uma batida policial), “*Perdi todo o dinheiro que tinha*” (indivíduo numa mesa de jogo) etc. Este contexto é do domínio da Pragmática, que estuda as regras e princípios que regulam a língua em situação de uso.

3. O contexto cultural, que algumas vezes erradamente se confunde com o situacional, é aquele em que a desambiguação se faz a um nível que não é nem o do contexto, nem o da situação. Atravessados por vezes, mas coloca-se acima deles, pois resulta de um conhecimento que preexiste ao momento dos outros dois contextos. É aferido intersubjetivamente e está sujeito a constante atualização. Situa-se num terreno em que os critérios são voláteis, ao sabor de hábitos e modas que se afirmam, se esfumam e regressam. Um escritor experimentado detecta, no geral, a lacuna provocada pela ausência desse conhecimento e vai adquiri-lo.

É nas conotações que conseguimos encontrar um bom exemplo de como o contexto cultural funciona (muito embora não seja nelas que se esgote). Para expor o tema, tomamos como base uma sistematização das conotações de Werner Koller (1972), adaptando com liberdade, vejamos:

As conotações são marcas valorativas que diferenciam sinônimos ou quase sinônimos:

(a) Por exemplo, perecer, fenecer, falecer, morrer, quinar, espichar, são sinônimos, mas divergem nas conotações que, neste caso, definem níveis de linguagem, por ordem, de linguagem elevada, poética, padrão, comum, calão e ordinária.

O reconhecimento da conotação específica não depende, como vemos, de contexto lingüístico ou situacional. É possível, no meio de uma elocução sublime, usar termos da linguagem comum, ou, no meio de uma elocução ordinária, termos de linguagem poética. As conotações detectam-se, sim, através de um conhecimento intersubjetivo que se possui, ou se investiga, e que precisa ser constantemente testado.

Acrescentemos à lista finar-se, esticar a perna, apagar-se, defuntar, bater a bota etc.. Talvez a primeira série de palavras não levante muitos problemas de aceitação quanto às correspondências feitas, mas a situação pode tornar-se agora mais controversa. Haverá quem sinta finar-se como calão (as pessoas mais novas), outros o sentem como elevado ou poético. Haverá quem sinta esticar o pernil como ordinário, outros só como calão. Assim por diante. As conotações variam com o tempo, com a geografia, com os grupos, com os indivíduos e o tradutor tem de estar alerta e decidir pelo contexto cultural do texto de partida e do texto de chegada.

(b) As conotações também identificam grupos sociais e definem socioletos. Reconhecemos a linguagem infantil (popó, mamã, dói-dói, papar), estudantil (profe, marrão, levar pau, chumbo), de caserna (ronda, in, maçarico, peluda, galões, pré, canhota, pipocar) etc.. Podemos falar igualmente de uma linguagem do proletariado, da burguesia intelectual, das Igrejas; de uma linguagem esotérica, comercial, partidária, científica etc..

(c) As conotações indiciam a origem geográfica. Quem não reconhece as conotações do Norte e Sul do Brasil (bueiro por sarjeta, cruzeta por cabide, aloquete por cadeado, farol por semáforo, abóbora por Jerimum) ou do caboclo, do Mato-grossense etc. ? Na língua portuguesa, poderíamos falar das conotações madeirenses, açorianas, beirãs, ou da variante brasileira. Dentro do alemão padrão, poderíamos falar das conotações bávaras, berlinenses, suíças, austríacas etc.

(d) As conotações assinalam períodos cronológicos determinados. Não podemos traduzir um texto do séc. XIX, com expressões que adquiriram uso neste século. Assim como não podemos utilizar gírias atuais para traduzir gírias dos anos 50 sem incorrer em gritante anacronismo conotativo.

(e) As conotações apontam também para o veículo de transmissão do discurso, identificando uma linguagem escrita (preciso de ver-te com urgência), uma linguagem oral (preciso urgentemente ver você) ou uma linguagem telegráfica (espero-te urgente).

(f) Remetem para um efeito estilístico determinado, que pode ser um toque arcaico, afetado, burocrático, explícito, eufemístico, em moda etc..

(g) Acima de tudo, as conotações remetem para juízos de valor, como está implícito na definição inicial, e este é o terreno mais escorregadio e traiçoeiro que um tradutor pode enfrentar, porque o caldo de ideologias, religiões e respectivos sistemas morais que definem o “bem” e o “mal”, isto é, o “positivo” e “negativo”, entram ainda em caótica contradição não só com os sistemas legais, que dizem ter em vista o “bem” público, como com as vivências pessoais e subjetivas de “bem”-estar e “mal”-estar. A versão oficial está na maior parte das vezes em contradição com

aquilo que cada um vê, pensa e sente, ou não se justificaria uma versão oficial.

O domínio do que é “politicamente correto” fornece-nos bons exemplos de fuga às conotações negativas e busca de sinônimos com conotações positivas. Como “velhos são os trapos”, acarinham-se os velhinhos e asseptizam-se os idosos, a terceira idade e ainda os seniores. O Ministério falava dos alunos reprovados, depois dos alunos excluídos, a seguir dos retidos e finalmente dos que não transitam. Os países pobres, do Terceiro Mundo, designaram-se depois carenciados, desfavorecidos e finalmente em desenvolvimento e assim por diante. Coexistem também as contracorrentes que procuram recuperar conotações positivas para as palavras caídas em descrédito (velhos, patriótico, Nação), ou impor conotações negativas a palavras tidas por positivas (viril, musculado, liberal).

Portanto, o escritor demonstra sua competência com o conhecimento dos contextos culturais do texto de partida e do texto de chegada que condicionam a seleção conotativa. A ignorância desse contexto pode produzir teceduras monstruosas. Pode-se dizer, então, que um jornalista que não se envolve com a cultura terá dificuldades em desempenhar o seu papel e exercitar sua capacidade de se por no lugar do outro, como se observa em Umberto Eco (1975:75):

A cultura não é só o primeiro passo para se ser humano, isto é, para se poder valorizar a humanidade, como também, enquanto exercício de intersubjetividade, o primeiro passo para a aprendizagem da democracia, isto é para dar voz ao outro, mesmo quando ela não ressoa a nossa. Para se ser universal ou inclusivo, isto é, para não excluir, só falta exerci-

tar a empatia, que é a capacidade de se pôr no lugar do outro, constantemente¹².

4 A Importância do Contexto Cultural na Produção da Notícia

Com a análise feita nos tópicos anteriores, passamos a entender o contexto cultural como um complexo simbólico-semântico em que o enunciado é gerado como uma espécie de genotexto¹³, onde se inscrevem, no espaço e no tempo, os hábitos lingüísticos e extralingüísticos, as idiosincrasias e os mecanismos inconscientes.

Complexo simbólico-semântico é a expressão que o sociólogo Niklas Luhman considera ser a mais apropriada para substituir o termo cultura. Do complexo debate sobre esse conceito, na área das ciências culturais, da historiografia, da sociologia, seria importante reter, para o tema do texto jornalístico, a consciência cada vez mais alargada de que aquilo a que se chama realidade é mera construção social, isto é, mera versão da realidade e, por isso, como acontece com o etnólogo, o historiador ou o sociólogo, o jornalista tem de lidar com as permanentes reconstruções

¹² “*The culture is not alone the first step for if human being, that is, to can valorize the humanity, as well as, while intersubjetividade exercise, the first step for the learning of the democracy, that is to give voice to another, even when she does not resound ours. To whether be universal or inclusive, that is, to do not exclude, alone fault exercise the empathy, which is the capacity of if put in place of another, constantly.*” (In: Eco, 1975: 75)

¹³ “Genotexto”, no sentido de J. Kristeva, como “processo de geração do sistema significant”. *Apud* Oswald Ducrot, Tzvetan Todorov, *Dicionário das Ciências da Linguagem*, Lisboa, Dom Quixote, 1976, 3ª ed., p. 425.

coletivas da realidade espiritual, social e material, ou seja, com os diversos contextos culturais, para poder recriar efeitos de realidade que correspondam ao complexo simbólico-semântico do seu público alvo.

Portanto, não é difícil compreender que mesmo os contextos lingüístico e situacional possam depender do contexto cultural para se realizarem, na medida em que o tempo e o espaço modificam os hábitos lingüísticos e extralingüísticos, a relação sinal/referente, as regras e princípios que regulam a língua em situações de uso, o horizonte de expectativa (individual / coletivo, consciente / inconsciente), os pressupostos ideológicos, lógicos, emocionais e textuais. O contexto cultural funciona para o jornalista como memória, no tempo e no espaço, dos hábitos de recepção dos contextos lingüístico e situacional. Muda o contexto cultural, mudam os hábitos de recepção, ou vice-versa. É isso que explica que também textos possam perder a atualidade, deixem de ter eco sobre o interlocutor, deixem mesmo de ser compreendidos por ele. Nesse aspecto, estão também sujeitos a prazo de validade, como qualquer produto de consumo.

A importância do contexto cultural em trabalhos de criação textual a públicos diversos torna-se inegável. Pois no âmbito da equivalência denotativa é o contexto cultural que nos permite optar pela manutenção ou não de uma ou outra palavra. O contexto cultural é que nos permite, também, optar pela tradução ou manutenção dos estrangeirismos e empréstimos utilizados.

De acordo com Bakhtin (1999), é no contexto cultural que a palavra possui não apenas tema¹⁴ e significação no sentido objetivo,

¹⁴ Tema é o sentido geral do que se diz (a essên-

de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou *apreciativo*¹⁵, e, é este acento apreciativo que impõe a conotação ao que é dito, ou seja, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito), ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Para esclarecer a conotação, o acento apreciativo e o efeito desse fenômeno no interlocutor, Bakhtin (1999: 132) complementa: “*O nível mais óbvio, que é ao mesmo tempo o mais superficial da apreciação social contida na palavra, é transmitido através da entoação expressiva. Na maioria dos casos a entoação é determinada pela situação imediata e freqüentemente por suas circunstâncias mais efêmeras.*”

Entende-se, assim, que é o contexto cultural que permite aos interlocutores, por meio de entoações expressivas, emitir e compreender enunciados conotativos, ou seja, de acordo com Bakhtin (1999:134), “*A conversa é conduzida por meio de entoações que exprimem apreciações dos interlocutores. Essas apreciações, assim como as entoações correspondentes, são inteiramente determinadas pela situação social imediata em cujo quadro se desenvolve a conversa; é por isso que elas não têm necessidade de um suporte concreto.*” Dessa maneira, compreende-se também, o contexto cultural no campo da equivalência pragmática¹⁶.

No processo de construção textual, o con-

cia do sentido). O tema e a significação em Bakhtin (1999) é explicado em Frege (1978) pela representação. Cf. In: Frege, 1978.

¹⁵ Acento apreciativo não é um traço secundário, é essencial para a determinação da significação do que se diz. É um traço primário na especialização dos sentidos. Cf. In: Ferrarezi, 2003a.

¹⁶ Sobre a “equivalência pragmática”. Cf. In: Werner Koller *ib.* p. 248-252.

texto cultural nos permite reconhecer e atualizar uma alusão (referência velada à figura, evento ou discurso), uma citação (reprodução exata), um pastiche (reprodução imitativa), uma paródia (imitação distorcida ou exagerada, com objetivo de troça) ou qualquer outra forma de intertextualidade. Todos esses processos subentendem, para que se realizem, a convivência e a partilha do conhecimento por parte dos interlocutores. Por isso, em face de duas referências culturais diversas, se o efeito a conseguir é a vivência dos processos referidos (alusão, paródia etc.), a tecedura de um texto jornalístico tem de recorrer muitas vezes a intertextos da cultura do público alvo em questão.

É também o contexto cultural que nos diz se um dado implícito deve ser explicitado ou vice-versa. O problema que aqui se levanta é sempre o de se subestimar ou de se sobreestimar a informação, provocando efeito ridículo ou incompreensão. Um texto que pressuponha o público alvo com uma cultura geral elevada, pode levar, um leitor menos esclarecido, a algumas consultas da enciclopédia.

Também, no âmbito da equivalência estético-formal¹⁷, é o contexto cultural, por exemplo, que nos permite entender e tratar uma metáfora ou outro processo metassêmico. R. van den Broeck¹⁸ fala de três tipos de metáforas: as lexicalizadas (ou “mortas”), com estatuto de idiomatismo (pôr o dedo em); as convencionalizadas, tradicionais e institucionalizadas a partir da literatura (lutar como um leão); e as privadas, que

¹⁷ Sobre a “equivalência estético-formal”, *vd.* Werner Koller, *ib.* p. 252.

¹⁸ *in:* I. Even-Zohar, G. Toury (eds.), *Translation Theory and Intercultural Relations* (poetics today 2/4), Tel Aviv, 1981, p. 73-87.

resultam da criatividade individual de um autor¹⁹. Mesmo nos dois primeiros casos, o escritor tem muitas vezes de decidir se deve utilizar uma metáfora ou não, dependendo do seu envolvimento com a cultura alvo.

Com essa compreensão, podemos reafirmar que um jornalista que não se envolva com a cultura terá grandes dificuldades em desempenhar o seu papel. Pois, chega-se à conclusão de que é nesse envolvimento que está em jogo a competência do autor, no que diz respeito ao domínio do contexto cultural. A definição de cultura, adiantada anteriormente, traduz-se como a totalidade das formas espirituais / intelectuais (ciência, arte, ética, religião, educação, língua), sociais (política, sociedade) e materiais (técnica, economia) que são veículo de manifestação da vida humana, e, assim, podemos enumerar, sem dúvida, os campos do saber que, no espaço e no tempo, o autor de um texto jornalístico tem de estar preparado para acionar. Porquanto, tendo consciência da utilidade dos dicionários para o trabalho de produção textual, é certo que, para a construção de sentidos na tecedura desse texto, é necessário que o jornalista use diferentes modos que o levem a significações da cultura do outro. Com esse objetivo, seria interessante que todo jornalista, com o objetivo de produzir boas matérias, procurasse por leituras constantes e variadas sobre a cultura do seu público alvo; por experiências vividas na cultura a ser descrita, direta ou indiretamente; pela intuição; pela memória de informações

¹⁹ R. van den Broeck, "The limits of translatability exemplified by metaphor translation", in: I. Even-Zohar, G. Toury (eds.), *Translation Theory and Intercultural Relations* (poetics today 2/4), Tel Aviv, 1981, p. 73-87

adquiridas; contanto com a capacidade de adaptação aos modelos dos outros pelo princípio da semelhança, com a capacidade de investigação e sem dúvida, com a vigilância e o desenvolvimento da própria capacidade crítica. Desenvolvendo, desse modo, o importante papel de agente de informação e formador de opiniões.

5 Referências

- AGRA, Klondy Lúcia de O. (2004). "Tradução e Representação da Amazônia: uma análise da obra de Charles Wagley, *Amazon Town* e de sua tradução para o português brasileiro" Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de RO - UNIR, sob orientação do professor doutor Miguel Nenevé.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (2004). *Normas ABNT Sobre Documentação*. In: Manual de Normas de Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses - Terceira Edição. Org. por Ferrarezi Jr. Para o Programa de Pós-Graduação -2005. Guajará-Mirim, RO.
- BASSNETT, Susan and TRIVEDI, Harish eds (1999). *Post Colonial Translation: Theory and Practice*. London and New York: Routledge.
- BASSNETT, Susan (1991). *Translations Studies*. London and New York: Routledge.
- BAKHTIN, Mikhail / VOLOCHINOV (1999). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.

- BELLERT, I. (1970). On a Condition of the Coherence of Texts, *Semiotic*.
- DUBOIS, Jean et. Al. (1993). *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- ECO, Umberto (2001). *Experiences in Translation*. University of Toronto Press Incorporated. Toronto – Canadá.
- ECO, Umberto (1975). *Trattato di semiótica generale*. Milan: Bompiani. (English Version: *A Theory of Semiotics*. (1976) Bloomington: Indiana UP.
- ECO, Umberto (1995, 1997). *The Search for the Perfect Language*. London: Fantana Press.
- EVEN, I. e ZOHAR, G. Toury (1981) (eds.). *Translation Theory and Intercultural Relations* (poetics today 2/4). Tel Aviv.
- FERRAREZI Jr., Celso (2003a). “A especialização dos sentidos: palavra, contexto e cenário”. “(mimeo)”.
- FERRAREZI Jr., Celso (2003b). “A constituição do sentido e sua relação com os sinais”. “(mimeo)”.
- FERRAREZI Jr., Celso (2003c). “Da Natureza do Significado e Suas Implicações”. In: *Livres Pensares*. Porto Velho: Edufro.
- FREGE, Gottlob (1978). “Sobre o sentido e a referência”. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix. Pp.59-86.
- FREGE, Gottlob (1978). “Digressões sobre o sentido e a referência”. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix. Pp. 105-116.
- HARTMANN, R.R.K(1988). *Lexicography: principles and practice*. London: Academic Press.
- KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça (2004). *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
- KOLLER, Werner (1992): *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. 4ª ed. rev. e aum., Heidelberg e Wiesbaden, Quelle & Meyer.
- KOLLER, Werner (1972) *Grundprobleme der Übersetzungstheorie. Unter besonderer Berücksichtigung schwedisch-deutscher Übersetzungsfälle*. Berne: Francke.
- LOPES, Edward (2001). *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix.
- VAN DEN BROECK, R. “The limits of translatability exemplified by metaphor translation”, In: I. Even-Zohar, G. Toury (eds.), *Translation Theory and Intercultural Relations* (poetics today 2/4), Tel Aviv, 1981, p. 73-87
- WENRICH, Harald (1964, 1971) *Tempus: besprochene und erzählte Welt*. Stuttgart: Kohlhammer.
- WENRICH, Harald (1976). *Sprache in Texten*. Stuttgart: Klett.

WITHERSPOON, Gary (1997). *Language and Art, In the Navajo University*. Ann Arbor, University Michigan Press.

WITHERSPOON, Gary (1980). "Language in culture and culture in language". In *International Journal of American Linguistics*, vol. 46, n. 1.